

## ESTÉTICA E EDUCAÇÃO

TREZZI, Clóvis<sup>1</sup>

### RESUMO

Fala-se em educação estética desde o século XVIII. Schiller foi um grande defensor dessa ideia, apresentando-a como a possibilidade de o estudante desenvolver-se melhor e tornar-se mais sensível e pensante. Desde que a escola moderna surgiu, ela é pensada de maneira estética, porém prática, sem maior relação com uma teoria estética. Na contemporaneidade, Paulo Freire defendeu a ideia de uma escola que seja, ela toda, estética, de modo que se possa tratar do educando e do processo educacional como uma obra de arte. Apesar de tudo isso, ainda não se chegou a uma escola que seja, por si só, estética.

**Palavras-chave:** educação estética, escola moderna, estética.

## ESTETICA Y EDUCACIÓN

### RESUMEN

Desde el siglo XVIII habla-se de una educación estética. Schiller fue un gran defensor de esta idea, presentando como la posibilidad de el estudiante desarrollarse mejor y tornarse más sensible y pensante. Desde que la escuela moderna surgió, ella es pensada de manera estética, pero práctica, sin una relación con una teoría estética. En la contemporaneidad, Paulo Freire defendió la idea de una escuela que sea, toda ella, estética, de manera que se pueda hablar del educando y del proceso educativo como una obra de arte. A pesar de todo eso, todavía no se llegó a una escuela que sea, por sí sola, estética.

**Palabras llave:** educación estética, escuela moderna, estética.

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação (2010) pela Unicid - SP. Doutorando em Educação pelo Centro Universitário La Salle - Unilasalle - Canoas - RS. Endereço: Rua São Luiz, 489, Bairro Jardim, Sapucaia do Sul - RS. E-mail: clovis.trezzi@lasalle.org.br

## INTRODUÇÃO

Discussões acerca da estética existem desde tempos primordiais na Filosofia. Seu significado remonta ao grego *aisthétikós* (que possui a capacidade de sentir). O tema foi amplamente tratado por Platão em seus diálogos. Tomando o conceito original da palavra, podemos encontrar a ideia também em filósofos pré-socráticos, como Heráclito de Éfeso e Demócrito. Um dos primeiros filósofos, porém, a trazer o tema a uma discussão mais ampla, é Aristóteles, que pensou uma filosofia estética, estudando questões acerca da arte, em obras como a *Poética*.

Enquanto disciplina científica, porém, o tema foi introduzido por Alexander Baumgarten, em 1735, ao publicar sua tese de doutorado sobre o assunto. Nesta tese, ele recorda a diferenciação feita pelos gregos entre "'coisas percebidas pelos sentidos' (*aistheta*) e 'coisas percebidas pela inteligência' (*noeta*)". (PERISSÉ, 2009, p. 10).

A partir da transformação da estética em disciplina científica, ela ganhou destaque em outras pesquisas de caráter filosófico e acadêmico. Os estudos de Hegel e Kant, considerados importantes, acerca do assunto, ganharam força e seguidores. Hegel tratou da estética como um estudo acerca do belo artístico, e essa conotação persistiu e persiste como principal discussão. Falar academicamente de estética é falar de arte.

O senso comum transformou a estética na ciência do belo, ou simplesmente no belo. Contudo, a ideia de fundo permanece. No conceito estão implícitas as sensações advindas do contato com o belo. Kant ousou ao afirmar que o belo não existe por si só, mas sim a partir das sensações despertadas, ou seja, é subjetivo. "Para Baumgarten [...], a finalidade da estética é levar (e elevar) para o reino das ideias claras [...] as sensações confusas e obscuras que experimentamos diante da poesia e da arte em geral". (PERISSÉ, 2009, p. 11). Com isso, percebemos que as sensações fazem parte do contato com o belo, da dimensão estética. E é essa ideia que vai ajudar na reflexão posterior relativa à educação estética (ou à estética na educação).

Estudos relativos a isso são recentes. Nos tempos remotos, não havia preocupações com a educação estética, ou com uma escola esteticamente organizada, pelo menos não no campo teórico. Se havia escola organizada - e havia - era essencialmente por questões práticas. Afirmamos que desde que há escola organizada, alguma preocupação estética existe. João Batista de La Salle, um dos precursores da educação moderna e grande divulgador de métodos modernos de ensino, já no século XVII pensava numa escola que seguia princípios estéticos, mas sem uma reflexão teórica. O mesmo se pode dizer dos colégios dos jesuítas e outros tipos de escolas que existiam. Verdade é que essa preocupação era mais presente nas escolas organizadas, pois existiam, em geral, diversos tipos de escola no século XVII (quando do surgimento da escola moderna), mas que não possuíam sequer uma organização curricular, que estava presente nos colégios dos Jesuítas e nas escolas de La Salle.

## 1 POR UMA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

O termo *educação estética* pode ter significados diferentes, dependendo do contexto no qual está inserido. Cunhado originalmente por Friedrich Schiller, no século XVIII, no período posterior a Baumgarten, tinha por ideal inserir na educação das crianças e jovens, não necessariamente educação escolar, o convívio com a arte. Schiller, que era poeta, dramaturgo, filósofo e músico, conhecido especialmente por ser o autor da célebre *Ode à alegria*, parte da IX Sinfonia de Beethoven, escreveu o livro *A educação estética do homem numa série de cartas*. Neste livro desenvolve, a partir de uma série de cartas ao Príncipe de Augustemburg, a ideia de que a aprendizagem do convívio com a estética, a possibilidade de ser uma pessoa melhor, a começar pela política.

De acordo com Schiller,

A beleza não é nem estendida a todo âmbito do que é vivo nem se encerra nele. Um bloco de mármore, embora seja e permaneça inerte, pode mesmo assim tornar-se forma viva pelo arquiteto e escultor; um homem, conquanto viva e tenha forma, nem por isso é uma forma viva. Para isso seria necessário que sua forma fosse viva e sua vida, forma. Enquanto apenas meditamos sobre sua forma, ela é inerte, mera abstração; enquanto apenas sentimos sua vida, esta é informe, mera impressão. Somente quando essa forma vive em nossa sensibilidade e sua vida se forma em nosso

entendimento o homem é forma viva, e este será sempre o caso quando o julgamos belo (SCHILLER, 2002, p. 77-78).

O belo em si, segundo Schiller, não é natural. Muitas vezes é necessário que ele seja produzido a partir de algo que apenas contém em si mesmo a potência do belo. Por aí já se vê superada a ideia de que ele já é em si mesmo, naturalmente, e ganha força a ideia kantiana, da qual Schiller é defensor, de que é necessária uma subjetividade para descobrir-se o belo.

Reicher (2009, p. 68) afirma que nem toda obra de arte é bela. Ou melhor, as coisas "não são nem belas nem feias [...], nós as percebemos desse modo". Isso não é nenhuma novidade, mas por outro lado traz um problema: se as coisas não podem ser qualificadas objetivamente no campo do belo, como se dá essa percepção? Tomando por base a ideia de que a nossa própria percepção a respeito das coisas muda de acordo com nosso estado de espírito, a experiência estética pode ser chamada de enganadora? Ou uma experiência vivida perdura para sempre enquanto sensação?

Os autores que dedicaram-se à educação estética tentaram, de alguma forma, fazer-se estas perguntas. Schiller trabalhou-as a partir de um novo conceito: a do impulso lúdico. De acordo com seu pensamento (cf. Schiller, 2002, p. 67ss), dois impulsos são naturais no ser humano diante da arte: um que ele chamou de *sensível*, relacionado diretamente com as sensações despertadas pela obra, e um segundo que ele apresenta como *formal*, que são nada mais que as racionalizações feitas a partir do contato com a mesma obra. Os dois impulsos estão presentes ao mesmo tempo, e, por serem naturais, são instintivos. Dependendo do espírito da pessoa (ou do estado de espírito), predomina um ou outro. Com frequência ambos entram em conflito.

Uma educação estética, traduzida na aprendizagem da arte, teria o poder de provocar um terceiro impulso, chamado por ele de *lúdico*. Este seria controlado pelo ser humano e não natural. Carrega, em si, a capacidade de conviver com diferentes conceitos, significações e sensações nesse contato com a arte. Nesse sentido, Schiller vê um pouco além de Kant, pois este viu apenas os dois impulsos naturais.

A capacidade de controlar o impulso é extremamente importante na questão educacional. Embora apresentado por Schiller o impulso lúdico relacionado à arte, ele deixa entrever que ele pode estar relacionado com áreas diferentes da vida, Criar Educação, Criciúma, v. 6, nº2, julho/novembro 2017.- PPGE - UNESC

tanto que suas primeiras cartas versam sobre política. O lúdico inclui a capacidade de reflexão e de jogar com as ideias, permitindo que decisões racionais possam ser tomadas, bem como reflexões coerentes e mais lúcidas, que vão além do mero instinto.

Pode-se afirmar que, para a vida em sociedade, essa capacidade ou impulso, nas palavras de Schiller, é fundamental na sua potência de humanização do ser humano. A educação estética, mais do que aprender a conviver com a arte, tem essa capacidade de modelar ou de flexibilizar o pensamento e a capacidade de reflexão, que refletem-se na ação. Traz, também, uma educação para o sensível.

A formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar o conhecimento melhorado eficaz para a vida, mas também porque desperta para a própria melhora do conhecimento. (SCHILLER, 2002, p. 47).

Tal é a importância dada por Schiller à educação estética, já na passagem do século XVIII para o XIX. É uma reflexão que traz em si outras reflexões de roldão. Tendo presente que era ainda o começo das reflexões científicas sobre a estética, e que a educação enquanto tal não era muito estudada ou teorizada, essa obra é um marco do pensamento estético na educação, mas não é a única visão. Posteriormente encontraremos em autores como Freire outra maneira de conceber a educação estética.

## 2 A ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO

A escola moderna começou a existir, é claro, com o advento da modernidade. Mas, assim como a ciência moderna, já começou a existir previamente. Até o século XVI existiam diferentes modelos de escola, mas nada que fosse muito estruturado ou organizado. As ordens religiosas mantinham escolas organizadas, e havia leis que regiam o ensino, mas enquanto modelo de escola que persiste até nossos dias foi nesse período que se desenvolveram, graças, especialmente, aos Jesuítas e outras ordens. Estes já tinham uma escola que era, mais ou menos, estruturada no modelo simultâneo como ainda existe hoje (com diversos alunos na mesma sala sendo ensinados ao mesmo tempo por um professor) e com um currículo

organizado: o *Trivium* e o *Quadrivium*.<sup>2</sup> Era um currículo ainda básico, mas bem estruturado, e que deu origem às matrizes curriculares atuais.

Os Jesuítas tinham mais colégios, e não escolas de primeiras letras. Nenhuma obra que pensasse a escola nesse período fez tanto sucesso quanto a *Didactica Magna*, de Comenius. Embora seja praticamente um tratado de teologia da educação - é preciso lembrar que o período em que Comenius viveu, na Idade Média, estas duas realidades eram quase uma só -, ele desenvolve ideias interessantes acerca da necessidade de mudanças na educação, com a introdução de uma nova perspectiva humanizante e humanizadora.

Afirma o autor:

No mundo visível, nada há que se não possa ver, ou ouvir, ou apalpar, e, por isso, que se não possa saber o que é e de que natureza é, daí se segue que nada existe no mundo que o homem, dotado de sentidos e razão, não consiga apreender. (Comenius, 1966, p. 105).

Com esse livro, Comenius lança as raízes de uma educação que depois foi evoluindo, mas que talvez não tenha mais passado por um momento de reflexão tão profunda. As raízes lançadas por ele deram fruto com outros educadores, menos teóricos, mas que colocaram suas ideias em práticas, e as aperfeiçoaram. João Batista de La Salle, pedagogo francês nascido em 1651, um dos precursores do uso do método simultâneo com alunos das primeiras letras, também foi o primeiro a criar um curso de formação para professores, de longa duração e em regime de internato, para que todos pudessem dar aulas de qualidade.

Antes de La Salle, em geral as escolas, que eram basicamente dirigidas pela Igreja Católica ou por iniciativas de professores leigos, não era organizada nem valorizada; cada um ensinava aquilo que sabia (cf. Hengemule, 2012; Justo, 2003). La Salle organizou a escola de tal maneira que, caso os professores seguissem à risca seu manual intitulado *Conduitedesécoleschretiennes*<sup>3</sup>, não corria o risco de ver suas iniciativas pedagógicas não darem certo. Este manual é muito prático e descreve desde os gestual do professor até a maneira certa de lidar com cada tipo de aluno. Descreve também o currículo, a estrutura da escola e procedimentos didático-pedagógicos variados.

<sup>2</sup> De acordo com Mongelli (1999), o *Trivium* consistia nas disciplinas de Gramática, Retórica e Dialética, e o *Quadrivium* nas disciplinas de Aritmética, Geometria, Música e Astronomia.

<sup>3</sup> Traduzido no Brasil para *Guia das Escolas Cristãs*.

Nesse período, não se pode dizer que se falasse ou pensasse em estética educacional ou educação estética. Por outro lado, no ideal educacional de La Salle e Comenius, toda a escola era pensada para que a presença do aluno fosse uma experiência estética. A ideia era que o aluno se desenvolvesse na escola, com um objetivo: aprender a ser gente, ou seja, aprender a viver em sociedade. Embora as artes não fizessem necessariamente parte do currículo (no *Quadrivium* se estudava música) e, por isso mesmo, Schiller tivesse escrito suas cartas defendendo a existência de uma educação estética, a experiência sensível desejada é semelhante à descrita por este autor.

Portanto, pode-se dizer que, de certa forma, já existia uma ideia de experiência estética antes de ela ser descrita, como costuma acontecer com as grandes teorias. O problema da necessidade de uma educação humanizante e humanizadora nasceu junto com a escola moderna.

### 3 EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

Apesar de haver outros autores que tratam do assunto, podemos trazer à tona as ideias de Paulo Freire, por ser alguém próximo à realidade brasileira contemporânea e porque um dos temas transversais de toda a sua obra é, justamente a estética.

A perspectiva de Freire é, contudo, diferente. Para ele vale mais, nos mesmos moldes já apresentados no tópico anterior, a experiência estética como um todo do que a aprendizagem da arte. Não que esta não fosse importante, mas Freire prefere não compartimentar o processo pedagógico. Para ele, o todo e cada parte do fazer educação têm igual importância. Portanto, uma vez voltada para a pessoa do educando, a escola cumpre seu papel. E voltar-se para a pessoa do educando é ter presente toda a sua realidade, toda a sua vida, conhecê-lo e não desvincular nenhum dos processos pedagógicos dessa realidade.

De acordo com ele, um processo pedagógico estético começa quando o educando chega à escola:

Creio que a partir do momento em que entramos na sala de aula, do momento que você diz aos alunos: 'Olá, como vão?' você inicia, necessariamente, um jogo estético. [...] Assim a educação é,



simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. (FREIRE; SHOR, 1986, p.146).

Compreender assim o processo pedagógico leva a outro ponto muito caro para Freire: a educação como obra de arte. O educando torna-se, ele mesmo, arte e artista. O processo todo do ser que está em construção é um processo estético:

Outro ponto que faz da educação um momento artístico é exatamente quando ela é, também, um ato de conhecimento. Conhecer, para mim, é algo de belo! Na medida em que conhecer é desvendar um objeto, o desvendamento dá "vida" ao objeto, chama-o para a "vida", e até mesmo lhe confere uma nova "vida". Isto é uma tarefa artística, porque nosso conhecimento tem qualidade de dar vida, criando e animando os objetos enquanto estudamos. (FREIRE, SHOR, 1986, p. 145).

Ator e artista de uma obra de arte que está em contínua construção, o educando tem a oportunidade maior de crescer e amadurecer humanamente, justamente porque sua incompletude lhe dá possibilidade de ir moldando o próprio processo. O papel do educador é o de mediador no processo de produção da obra de arte, e nesse processo de mediação é responsável por ajudar o artista a compreender-se enquanto tal e a integrar essa arte produzida na sua vida.

A analogia da educação e do processo pedagógico com a arte/estética ajuda a situarmos a posição do autor frente àquilo que anteriormente mencionamos, nas ideias de Schiller e dos iniciadores da escola moderna. Embora as bases não sejam exatamente as mesmas, é facilmente possível perceber que a convivência do educando com a educação enquanto processo estético produz efeitos como os desejados por Schiller: uma pessoa humanizada, sensível, com boa capacidade de reflexão e que fuja da polarização sensível x racional.

Para Freire, as raízes da necessidade de educação estão situadas no fato de que o ser humano, ao contrário dos demais animais, sabe ser incompleto (cf. Freire, 1987). O fato de perceber que ainda precisa crescer leva o ser humano a perceber-se, também, necessitado de aprendizagem. Se não tiver educação, não sobrevive, pois os instintos não são tão aguçados como os demais animais. Esse princípio é a porta aberta para a questão da educação como construção diária e como construtora da pessoa.

#### **4 CONCLUSÕES: CRÍTICA AO SISTEMA EDUCACIONAL NO BRASIL**

Não é de nossos dias, por certo, a crítica que se faz de que o sistema educacional no Brasil está falido ou que a escola não funciona. Esse tipo de crítica talvez sempre tenha existido, mas pelo menos nos últimos 30 anos tenha convivido nos cursos de formação inicial de professores e em textos e editoriais de jornais e revistas, para citar apenas dois ambientes nos quais ela aparece com frequência.

Apesar dela, as reformas educacionais que poderiam ser feitas com o intuito de melhorar este quadro não aparecem, ou então não são reformas educacionais de base, mas restringem-se a alterações curriculares ou a mudança em algumas leis ou na nomenclatura. O resgate da educação como processo estético não acontece, a não ser em algumas iniciativas pontuais, na grande maioria das vezes em escolas privadas caras.

Paro (2011, p. 186), numa crítica à atual estrutura da escola, afirma:

Não deixa de ser insólita a reclamação, de certa forma generalizada na escola pública brasileira, com relação à condição de carência e falta de cultura do grande contingente de alunos que recebe. Ninguém aceitaria de um médico, por exemplo, a reclamação de que só lhe mandam pessoas doentes para o consultório.

Bremer e Von Moschzisker, tratando da escola no Estados Unidos, mas numa descrição que pode ser aplicada ao Brasil, mostram como a escola chegou a um ponto crítico:

Desdobrou-se o processo educacional em uma série de etapas - à maneira industrial - em monótona sequência (o trabalho de várias classes), pela qual a matéria prima (os alunos) tinha que passar. [...] O ponto culminante, loucura inevitável dos educadores públicos, foi o de reproduzir na escola a organização social e administrativa da fábrica com gerente, supervisores, chefes de turma e empregados disfarçados sob o título de superintendentes, diretores, chefes de departamento e professores. (BREMER; VON MOSCHZISKER, 1975, p. 18).

O sistema fabril transferiu-se para a escola. Quanto a isso, não há muitas controvérsias. Foi isso mesmo que levou Freire a introduzir a ideia da "educação bancária". Dados do Censo Escolar 2014 do INEP são estarrecedores: a maior parte das escolas não tem sequer as dependências básicas como biblioteca e sanitários<sup>4</sup>. Difícil é perceber, nesse cenário, uma educação que possa ser significativa. apesar de iniciativas e de estudos que conduzam a um pensar pedagógico de qualidade e

---

<sup>4</sup>Dados do Censo mostram que apenas 36% das escolas públicas no Brasil possuem biblioteca e 86% possuem sanitário dentro da escola. Laboratório de ciências está presente em apenas 11% das escolas e, apesar dos atuais recursos tecnológicos, apenas 45% das escolas possuem laboratório de informática.

que leve a uma boa experiência estética, o sistema educacional está longe de levar a sério a própria escola.

## REFERÊNCIAS

BREMER, John; VON MOSCHZISKER, Michel. **A revolução pedagógica: escola sem muros**, o programa Parkway da Filadélfia. São Paulo: Ibrasa, 1975.

COMENIO, João Amós. **Didactica Magna**. Lisboa: Calouste Gulbenikan, 1966.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HENGEMULE, Edgard. **Educação Lassaliana: Que educação?** Canoas: Salles, 2007.

INEP. Censo Escolar 2014. Dados disponibilizados pelo QEDU. Disponível em [http://www.qedu.org.br/brasil/censo-escolar?year=2014&dependence=0&localization=0&education\\_stage=0&item=](http://www.qedu.org.br/brasil/censo-escolar?year=2014&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=). Acesso em 26 de março de 2016.

JUSTO, Henrique. **La Salle – Patrono do magistério**. 5ª Ed., Porto Alegre: Salles, 2003.

LA SALLE, João Batista de. **Guia das Escolas Cristãs**. Canoas: Unilasalle, 2012.

MONGELLI, Lênia Márcia (org.). **Trivium e Quadrivium - as artes liberais na Idade Média**. Cotia: Íbis, 2009.

MONTEIRO, A. Reis. **História da educação: do antigo "direito de educação" ao novo "direito à educação"**. São Paulo: Cortez, 2009.

PARO, Vitor Henrique. **Crítica à estrutura da escola**. São Paulo: Cortez, 2011.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética e educação**. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

REICHER, Maria E. **Introdução à estética filosófica**. São Paulo: Loyola, 2009.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

TREZZI, Clóvis. A estética na educação em João Batista de La Salle. **Revela** – Periódico de Divulgação Científica da FALS. Ano III - Nº VI Out 2009/ Jan 2010 - ISSN 1982-646X. Disponível em <[http://www.cidadesp.edu.br/old/mestrado\\_educacao/artigos/discntes/artigo\\_o\\_clovis\\_23\\_11\\_09.pdf](http://www.cidadesp.edu.br/old/mestrado_educacao/artigos/discntes/artigo_o_clovis_23_11_09.pdf)>. Acesso em 26 de março de 2016.



# CRIAR EDUCAÇÃO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESC



Unalce  
Unidade Acadêmica  
de Humanidades,  
Ciências e Educação

